

## Trocas e diálogos no cotidiano das práticas arte-educativas

Laura de Paula Resende<sup>1</sup>

Não é novidade para a área de educação pesquisas, abordagens, teorias e métodos voltados para compreender as relações de troca em contextos de formação. No Brasil, mais especificamente, as discussões acerca desta temática têm seu início no século XX, por volta de 1930, período em que se inicia o processo de ampliação da educação brasileira visando instituir a ideia de educação democrática. Esse período marca o surgimento de movimentos na educação brasileira que surgem para contestar o modelo de educação tradicional que predominava nas instituições de ensino do país e que promovia a educação como direito de poucos utilizando de métodos pedagógicos centrados na figura docente. Um dos primeiros e principais movimentos de contestação desse formato ficou conhecido como Escola Nova, movimento que propunha um deslocamento da centralidade do ensino, deixando de centrar a figura docente e voltando-se para a figura discente.

Apesar da importância desse movimento para a educação brasileira, foi somente a partir dos anos 1980 que o debate sobre a escola como espaço democrático começou a ser legislada e debatida com maior profundidade por pesquisadores da área da educação. Há nesse período dois marcos fundamentais para esse debate. São estes: o trabalho do professor e pesquisador Paulo Freire na construção da educação libertadora, tendo como base a autonomia dos sujeitos e o processo de conscientização, diálogo e transformação de mundo; e a Constituição Federal de 1988, que estabelece que a educação é direito de todos e é dever do estado garantir seu acesso e permanência, fatores determinantes para a elaboração da posterior Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996.

Compreender a história da educação brasileira e seus aspectos legais e democráticos é fundamental para que possamos refletir as práticas docentes e seus desdobramentos, entendendo que tanto a atividade docente quanto a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Cênicas na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Graduiu-se em Teatro - Licenciatura pela mesma instituição. Atua como arte-educadora do Teatro da Pedra.

construção do conhecimento se dão de modo constante e coletivo, ou seja, estão em permanente transformação. Quando nos referimos às práticas docentes falamos de algo que está sendo construído no tempo presente e em diálogo com os conhecimentos historicamente acumulados. Trata-se de um campo que possui diversas camadas que não necessariamente se relacionam de modo linear, e que contemplam significativas diferenças quando observamos variações regionais, culturais e institucionais, por exemplo. Não há como falar de uma educação única, que se desenvolve progressivamente ao longo da história e isso se evidencia quando observamos a multiculturalidade existente no território brasileiro.

Sabemos também que quando falamos de educação não estamos nos referindo somente à educação escolar, mas sim de uma rede de possibilidades educacionais que ocorrem dentro e fora das instituições de ensino, de modo formal, não-formal e informal. Enquanto sujeitos culturais, estamos inseridos em contextos e realidades que nos proporcionam uma constante formação.

Os apontamentos aqui levantados servem de base para a construção de meu relato de experiência apresentado nesse texto que tematiza sobre o ato de dar aula. Para a construção de minha reflexão, primeiro volto meu olhar para compreender o contexto educacional brasileiro, considerando seu movimento histórico para, a partir desta contextualização, refletir sobre minhas próprias percepções enquanto docente atuando em escolas municipais de São João del-Rei por meio do projeto “Teatro e memória: histórias brincantes” do Grupo Teatro da Pedra.

Os trabalhos arte-educativos desenvolvidos no âmbito do projeto pedagógico do Grupo Teatro da Pedra ocorrem dentro de espaço ditos formais de educação, ou seja, as aulas e oficinas ocorrem dentro de espaços escolares tendo como público alvo estudantes do ensino regular da educação básica. É válido pontuar que, além de ocorrerem nesses espaços, os encontros acontecem no horário regular das aulas, isto significa que estão inseridos em uma rotina interna das escolas. No ano de 2022, as oficinas estão sendo ofertadas para estudantes da educação infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental, contemplando crianças e adolescentes com idades entre 4 e 12 anos.

Apesar dessa proximidade com a educação regular e do contexto espacial escolar, as aulas e oficinas do projeto se diferem em diversos aspectos das formas de conduta e metodologias de ensino-aprendizagem utilizadas nas escolas de educação básica nas quais trabalho. Essas diferenças se explicitam de forma mais evidente nas relações burocráticas de funcionamento das instituições, na abordagem pedagógica, incluindo aqui os projetos político pedagógicos das escolas e as condutas e metodologias de trabalho das educadoras, e nas corporeidades e relações de expressividades, visto que o corpo está sempre inserido em um contexto e em relação com este.

Não há motivos para que se faça juízo de valor dessas diferenças, visto que a intenção de apontá-las aqui é para que possamos delinear um perfil das atividades propostas e, de certo modo, justificar a razão pela qual considero que as aulas e atividades propostas pelo projeto “Teatro e Memória”, mesmo ocorrendo no contexto da educação formal, devem ser vistas como atividades de educação não-formal.

Como docente da educação não-formal, me vejo usufruindo de maior autonomia em relação aos conteúdos trabalhados, uma vez que não há a necessidade de que as atividades sejam orientadas por documentos que normatizam a educação básica e, por haver essa autonomia, percebo que a relação que estabelece entre mim e as crianças e adolescentes que participam das aulas e oficinas é diferente da relação estas estabelecem com as professoras regentes de turma. Mais uma vez saliento que não há viés de superioridade entre essas diferentes formas de relação, são apenas diferenças que ocorrem por determinadas situações.

Em minha relação com as crianças e adolescentes enquanto arte-educadora do projeto, percebo que existe uma proximidade gerada pela situação de informalidade e pelo fato de que as oficinas são vistas como algo novo e diferente, como se existisse à parte das atividades regulares, o que não é necessariamente uma forma pré-estabelecida. Por informalidade compreendo o modo como as crianças comunicam suas percepções e a minha leitura sobre esses modos. Por eu não ser uma professora vinculada diretamente a instituição, não me cabe utilizar ferramentas normativas que servem para disciplinar, corrigir, ou puni-las por algo, por exemplo. Não posso utilizar (e mesmo se pudesse não utilizaria nos contextos gerais em que normalmente

são utilizadas) de recursos como advertências, suspensões ou demais ferramentas disciplinares que visam punir estudantes por determinados comportamentos. As crianças e adolescentes percebem isso, mas ao contrário do que se pode imaginar, salvo algumas exceções, é que a ausência desses recursos não geram maior indisciplina ou desrespeito durante as minhas aulas, o que percebo é que estimulam o estabelecimento de uma relação mais próxima e informal.

As crianças e adolescentes compreendem que há espaço para se manifestarem, bem como observo que nossa relação se assemelha a relações geralmente estabelecidas entre colegas, em que não há uma hierarquia rígida delimitada. Esse fator, soma-se também a percepção acerca das diferentes corporeidades que compõe o espaço escolar. As atividades propostas nas aulas do projeto se assemelham apenas com as aulas de educação física, considerando as disciplinas obrigatórias dispostas no currículo da educação básica. Por ser o teatro uma linguagem que trabalha com o lúdico, com a expressividade física e verbal, noto que a forma como me coloco e conduzo as aulas geram um estranhamento que acaba por reverberar causando curiosidade e interesse nos e nas estudantes. Percebo que meus modos de agir durante as aulas, seja na proposição de determinado jogo, contação de história, ou demais atividades artístico pedagógicas, ou quando os cumprimento e converso livremente fora do contexto específico da aula planejada, chamam atenção de parte das crianças por apresentar certos desvios da norma de comportamento que geralmente é atribuída a professoras e professores.

Como exemplos dessas percepções, posso citar algumas situações que ocorreram durante as aulas:

A primeira se trata do dia em que fui dar aula no período da manhã em uma das escolas e a temperatura estava muito baixa. Durante um exercício, minha calça acabou por se levantar um pouco e um grupo de estudantes ficou surpreso por perceber que eu estava vestida com duas calças e uma meia alta e de estética divertida, roupas que muito se assemelhavam à forma como estavam vestidas/os. Em outra ocasião, as crianças do segundo ano de uma das escolas me acenaram e exclamaram em tom de admiração que eu estava voltando da escola de bicicleta, como parte deles também faziam. Em outros

momentos, alguns discentes conversaram comigo de forma espontânea sobre situações que estavam vivenciando, relatando como se sentiam sobre determinados acontecimentos e experiências. Recebi também alguns convites para participar de festividades, tanto aquelas promovidas pela escola quanto festas privadas que ocorreriam em ambiente familiar, convites que, mesmo quando recusados por questões éticas, me fizeram perceber como havíamos estabelecido uma relação afetuosa e que fizeram com que eu me sentisse pertencente ao contexto e vivências daquelas crianças e adolescentes.

Essas relações promovem trocas riquíssimas para o que busco construir como educadora. Acredito que não há como desvincular educação do contexto social e essa relação se dá pelo diálogo e pelas trocas entre profissionais da educação e discentes. A prática docente é coletiva e o caminho não é unilateral. Para finalizar, trago uma importante passagem de Paulo Freire do livro *Pedagogia do Oprimido*: “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.